

A FORMAÇÃO DO ALUNO COMO PROTAGONISTA NO CONTEXTO ESCOLAR: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO PIBID

Daniele Martins da Silva ¹
Mirele Ananias da Silva ²
Iara Francisca Araújo Cavalcanti ³
Sílvio César Lopes da Silva ⁴

RESUMO

As práticas escolares desenvolvidas pelo professor e o papel social da escola, nas últimas décadas, vem passando por inúmeros debates acerca dos conteúdos abordados e ensinados aos alunos, além de gerarem reflexões sobre o seu papel social frente aos desafios contemporâneos. A partir dessa problemática, se destaca a figura do professor que diante de tais questões e necessidades, busca responder, mesmo diante de suas limitações, positivamente a esses desafios. Surgem práticas que perpassam o espaço da sala de aula, e refletem a vivência do aluno, os desafios e dificuldades do processo ensino aprendizagem como um todo. Assim, nosso artigo surge de práticas exitosas, desenvolvidas na sala de aula, em uma turma do Ensino Fundamental II de uma escola pública. Práticas estas que consideram o conhecimento de mundo acumulado pelos alunos, suas dificuldades no processo de aprendizagem e os instiga a superar e transformar as mesmas em conhecimento prático, que reverberam em seu cotidiano. Para tanto, faremos um recorte daquilo que fomos captando, para descrever e analisá-los. Tomaremos por base alguns autores que abordam e debatem sobre o assunto proposto e apresentaremos ao longo do texto, as possibilidades de um trabalho que parte da realidade do aluno e que por estes é reconstruído e ressignificado.

Palavras-chave: Práticas escolares, Aula motivadora, Aluno, Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

As instituições escolares ocupam um papel fundamental no processo de desenvolvimento do ser humano. Entretanto, uma breve incursão na história da educação brasileira mostraria que no início as instituições escolares oferecem um ensino repressor. Nota-se que apesar de surgir novas formas pedagógicas os alunos ainda são vistos como sujeitos passivos das ações e em poucos casos como formuladores das ideias.

De acordo com Foucault (1987), podemos observar que os estudantes se tornam "corpos dóceis" - ou seja, são disciplinados por meio de regras e punições - com o objetivo de não interromper as aulas e não questionar as normas ou ensinamentos, já que o professor é

¹ Graduanda pelo curso de Letras-Português na Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, danielepof915@gmail.com

² Graduanda pelo curso de Letras-Português na Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, mireleananias@gmail.com;

³ Professora titular da Universidade Estadual da Paraíba. Coordenadora de área - língua portuguesa, do PIBID-Fapesq-pb, iaraupeparaujo@gmail.com;

⁴ Professor orientador: Licenciado em letras, filosofia e pedagogia. É professor supervisor do PIBID-FAPESQ-PB subárea Língua portuguesa, sclop34@gamil.com.



considerado o "detentor do poder" e os alunos são vistos como meros receptáculos de conhecimento. Por conseguinte, é possível que não apresentem motivação para aprender um determinado conteúdo.

Apesar de construir saber, através desse sistema de controle, criam apenas mãos trabalhistas para um sistema capitalista. Dessa forma, torna-se fundamental que os professores busquem inovar suas metodologias e procurem novas formas de ensinar que foquem no protagonismo dos discentes, a fim de promover aprendizagens significativas para suas vidas para que estas se relacionem com seus cotidianos. Nessa perspectiva, Fischer (2009, p. 314) esclarece que “ensinar é, certamente, provocar o crescimento intelectual e isso não se faz através de aulas onde, ao longo do semestre, só o professor fala e/ou faz demonstrações no quadro”.

Com base no explicitado, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) ofertado na Universidade Estadual da Paraíba em parceria com a FAPESQ-PB notamos que através do cotidiano em sala de aula e do contexto em que os alunos estão inseridos, existia uma necessidade de intervenção que aproximasse e que estimule o estudante na instituição escolar.

Para o desenvolvimento deste, apoiamos-nos nos seguintes questionamentos: Qual método pode-se utilizar para tornar os alunos mais ativos na sala de aula? Como o professor pode tornar as aulas mais atrativas? Quais são as maiores dificuldades dos alunos no processo de ensino e aprendizagem?

Diante disso, o nosso objetivo geral é refletir sobre os métodos que podem tornar os alunos mais ativos na sala de aula. Assim, o referido estudo é construído a partir de uma perspectiva metodológica reflexiva e questionadora, baseando-se em observações e intervenções em sala de aula. Em seguida, analisa as ações que proporcionam aos alunos uma maior interação e envolvimento, com o objetivo de posicionar os estudantes como protagonistas de sua aprendizagem e sujeitos ativos na sala de aula.

METODOLOGIA

Essa pesquisa surgiu de uma experiência de intervenção - através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID-FAPESQ-PB) ofertado pela Universidade Estadual da Paraíba, realizada em uma escola pública da rede estadual de ensino, numa turma dos anos finais do ensino fundamental II. Na intervenção percebemos que alguns alunos não possuíam plena liberdade de falar e resistência para fazer produções

textuais. Por isso, refletimos sobre uma metodologia capaz de estimular uma participação mais proveitosa.

Dessa forma, o estudo está voltado para a Linguística Aplicada que se dedica à produção de conhecimento que valoriza os seres humanos e traz benefícios para a vida prática das pessoas. Essa vertente é considerada como transgressora, pois é responsável pela produção de conhecimento que valoriza o diferente, as várias formas de comunicação, as mudanças sociais, econômicas, culturais, linguísticas e comunicacionais (LOPES, 2006).

Para atingir o objetivo proposto, optamos pela metodologia qualitativa para o estudo de uma investigação direcionada. E assim se constitui, porque de acordo com Gerhardt e Silveira (2009), o pesquisador é ao mesmo tempo o sujeito e o objeto de suas pesquisas. Nesse sentido, procuraremos entender e interpretar fenômenos e processos situados em um determinado contexto.

A pesquisa será conduzida através de um estudo de caso, que envolve a observação da experiência dos estudantes de uma escola pública estadual, que tem por lócus o CAIC José Jofilly. A instituição de ensino em questão está localizada na área urbana da cidade de Campina Grande, na Paraíba. E nosso público-alvo são os alunos do 9º ano no turno da tarde.

O discurso como uma forma de fortalecer o estudante como protagonista na aprendizagem

No contexto da sociedade contemporânea, a ênfase recai sobre a prevalência dos discursos de controle e poder. Nesse sentido, é necessário atentar para tais discursos no âmbito da instituição escolar, pois podemos constatar que ela é moldada a partir desses discursos. Isso abrange desde a administração até os professores, que também se voltam para os alunos, uma vez que estes devem adotar um discurso respeitoso ao interagir com a "autoridade".

De acordo com Foucault (1987), instituição escolar é caracterizada por um sistema disciplinador de relações de saber e poder. Nesse sentido, as instituições educacionais estão englobadas nesse contexto, uma vez que possuem regras e normas com o objetivo de disciplinar os corpos dóceis. Da mesma forma, o professor desempenha um papel de poder por meio de seu discurso, enquanto os sujeitos não possuem autonomia para agir ou falar livremente no ambiente escolar.

Neste contexto, fica claro através das intervenções que alguns estudantes mostram insegurança ao serem questionados sobre certos assuntos ou ao trazerem seus conhecimentos

do mundo para ser debatidos na sala de aula. Isso acontece porque eles temiam que fossemos profissionais opressores e dominadores, características que são arraigadas e geralmente valorizadas em nossa sociedade. Assim, Oliveira (2021, p. 282) esclarece que, "bem-intencionado ou não, ingênuo ou malicioso, o professor é peça fundamental nessa engrenagem de controle". Isso se deve ao fato de que o professor tem o poder de usar o discurso do aluno como meio de ridicularização quando considera que este não possui domínio sobre o conhecimento ou apresenta uma perspectiva de mundo que o professor considera inadequada.

Com base nessa observação, direcionamos nossas intervenções para promover debates abrangentes, a fim de que os alunos se sentissem mais integrados em nossas aulas, estimulando e valorizando o conhecimento que os estudantes trazem consigo, ou seja, tornar as aulas motivadoras. Com essa finalidade, implementamos algumas estratégias para desenvolver tais habilidades, como a divisão da sala em grupos para explorar diferentes tópicos.

Inicialmente, organizamos a turma em cinco grupos compostos por cerca de seis alunos cada. A responsabilidade de revisar as classes gramaticais (substantivo, artigo, verbo, pronome, advérbio, interjeição, adjetivo, numeral, conjunção e preposição) foi atribuída a cada membro do PIBID. Essa revisão foi feita utilizando alguns textos selecionados pelo supervisor, em um total de três aulas, sendo a primeira e a segunda aula realizadas de forma geminada. Nesse sentido, Alencastro (2005, p.23) defende que a:

[...] didática também exerce função importante na sistematização e organização do ensino, ao procurar estabelecer o vínculo entre teoria e prática. O conteúdo educativo, isto é, o saber sistematizado, não pode ser adquirido de maneira espontânea e desorganizada e muito menos arbitrária. Sua transmissão deve ser orientada para os objetivos da proposta educativa comprometida com a transformação social.

Diante desta situação, o grupo 1 escolheu a música "Arco da velha", de Maria Bethânia. Com o objetivo de tornar a aula mais motivadora, decidimos utilizar o mecanismo da recompensa para estimular a participação dos alunos. Explicamos que aqueles que lessem ou participassem ganhariam pontos. Dessa forma, os alunos leram coletivamente a música e posteriormente a analisamos. A partir da interpretação, explicamos as diferentes classes gramaticais, utilizando exemplos do cotidiano escolar e incentivando-os a ilustra com novos exemplos.

Durante a aula, os estudantes começaram a ter total liberdade para se expressar ao ponto de decidirem analisar quais classes gramaticais estavam presentes na música,

contornando a restrição à fala imposta pela sociedade. Nesse viés, Nóbrega (2001, p. 70) afirma que através das “falas deve estar presente tanto a possibilidade de resistência ao poder quanto a de permanência deste poder”.

Nos grupos, percebemos que durante uma aula dialogada com poucos alunos ocorre um momento especial de compartilhamento de conhecimento. Isso implica em uma oportunidade de escuta e expressão, onde apresentamos outras alternativas para a disseminação do conhecimento, com o intuito de estabelecer uma relação proveitosa entre professor e aluno no processo de aprendizagem. Assim, torna-se necessário o exercício da reflexão do professor permeada pelo saber que produz durante a sua ação, caso contrário Gauthier (1998, pg. 34) explica que:

[...] na ausência de um saber da ação pedagógica válido, o professor, para fundamentar seus gestos, continuará recorrendo à experiência, à tradição, ao bom senso, em suma, continuará usando saberes que não somente podem comportar limitações importantes, mas também não o distinguem de nada...

As observações e análises decorrentes das aulas e atividades indicam que ao questionar suas próprias práticas e metodologias como professor, é possível desenvolver uma visão mais perspicaz dos desafios enfrentados e criar alternativas para a construção do conhecimento. Nesse sentido, Freire (2011, p. 25) explica que "quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender".

Dessa forma, a procura por métodos que estimulem a participação ativa do aluno durante as aulas, ao analisar as dificuldades no processo de ensino-aprendizagem, revelou-se eficiente. Essa abordagem possibilitou superar as dificuldades de forma efetiva, visto que observamos os alunos conseguirem vencer o "medo de errar" e aprimorarem consideravelmente sua participação em sala de aula em um único encontro.

Do estudo ao resultado: o retorno do que foi trabalhado com os alunos e a aprendizagem significativa

A canção "Arco da velha" de Maria Bethânia apresenta uma complexidade que pode ser desafiadora para alguns estudantes, uma vez que faz uso de termos e expressões que não são comuns no dia a dia. Levando isso em consideração, foi feita uma primeira leitura seguida por uma segunda análise, na qual as estrofes foram examinadas em busca de palavras ou expressões não compreendidas. É importante ressaltar que os alunos, por conta própria,

realizaram as análises e pesquisas dos significados em dicionários, sendo a orientação do grupo feita pela pibidiana responsável.

Após concluir a análise da música, outra leitura foi feita com o objetivo de identificar o tema da letra. Nesse momento, os estudantes demonstraram grande satisfação com o estudo realizado.

É importante ressaltar que a palavra "narcótico" presente na letra da música despertou o maior interesse entre os alunos, pois alguns deles entendiam que os povos indígenas não utilizavam substâncias para suavizar sensações. Foi necessário esclarecer que os "narcóticos" são utilizados na medicina para induzir o sono e aliviar a dor, e não apenas como uma substância alucinógena, como comumente todos conhecemos.

Além disso, também foi analisada a questão da colonização do Brasil e outros aspectos presentes na música. Os alunos chamaram a atenção para a representação do povo indígena, uma vez que estavam acostumados a ver os povos indígenas sendo retratados como submissos, ao invés de reconhecerem que eles lutaram e resistiram à escravidão. Eles também observaram que a linguagem utilizada na música não é mais usada atualmente. Dessa forma, Britto (1997) defende a ideia de que o ensino e a aprendizagem de língua devem ser ao mesmo tempo práticos e reflexivos. Isso significa que, na metodologia didática, é importante não apenas considerar a relação essencial entre indivíduo e linguagem, a partir de uma perspectiva interacionista, mas também analisar o texto como unidade de análise.

Seguindo em frente com a discussão, foram revisadas as classes gramaticais e utilizados exemplos do dia a dia para exemplificar e demonstrar as funções no texto. Após isso, os alunos decidiram analisar as funções das palavras no texto, levando em conta que uma palavra pode exercer mais de uma função. Nesse contexto, Geraldi (2006) esclarece que o trabalho com a análise linguística é uma prática fundamental para que os alunos aprendam a língua materna refletindo sobre suas várias formas de uso.

Por fim, depois da análise ter sido concluída, foi solicitado um feedback da aula, e os alunos relataram que através da divisão da sala em grupos e do ensino das classes gramaticais por meio de música, foi mais fácil entender o assunto, pois não ficaram receosos em tirar dúvidas e puderam tomar algumas iniciativas, como já foi mencionado. Desta forma, a música e a divisão em grupos se mostraram métodos enriquecedores, nesse contexto, para o ensino e aprendizagem.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base naquilo que foi apresentado, podemos inferir que a aplicação de determinados recursos com o intuito de promover o progresso do aluno dentro do ambiente escolar de maneira adequada pode ser eficaz ao despertar o interesse dos estudantes para se envolver nas atividades didáticas.

A busca por estratégias metodológicas implica em mudança da posição do docente em sala de aula e uma transformação de como os saberes e conhecimentos que perpassam este fazer são transmitidos. Do ponto de vista metodológico, a forma de transmitir o conhecimento permite a evolução do processo ensino e aprendizagem, através das rupturas de um sistema disciplinador.

Nessa visão, entendemos que é imprescindível haver uma abordagem crítica para permeabilizar práticas e metodologias eficazes, as quais devem fomentar o desenvolvimento das habilidades conceituais em uma interação dinâmica com a realidade social dos estudantes envolvidos.

Sendo assim, refletir sobre metodologias ativas implica em determinar qual visão se pretende adotar e também compreender o impacto das aulas, das discussões e do aprofundamento teórico na construção de um novo conhecimento indispensável. A decisão sobre como conduzir a aula deve derivar da análise das dificuldades enfrentadas pelos alunos, considerando-os como protagonistas em vez de meros espectadores.

REFERÊNCIAS

BRITTO, Luiz Percival Leme. **A sombra do caos**. São Paulo: Mercado das Letras, 1997.

FISCHER, Beatriz Terezinha Daudt. **Docência no ensino superior**: questões e alternativas. Porto Alegre: Educação, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 27 ed. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

GAUTHIER, Clermont. **Por uma teoria da pedagogia: pesquisas contemporâneas sobre o saber docente**. Ijuí: Editora Unijuí, 1998.

GERALDI, João Wanderley. Concepções de linguagem e ensino de português. *In*: GERALDI, J. W. (Org.). **O texto na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006, p. 39-46.

LOPES, Luiz Paulo da Moita. **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

NÓBREGA, Mônica. Professor: Lugar de Poder. *In:* CORACINI, Maria José; PEREIRA, Aracy Ernst. (orgs.) **Discurso e Sociedade: Práticas em Análise do Discurso**. 1ed. Pelotas: Alab/Educat, 2001, p. 65-85.

OLIVEIRA, Joaquim Eduardo. O Professor Frente aos Mecanismos de Controle na Escola: Um olhar Foucaultiano. *In:* SANTOS, Bruna Carolina de Lima Siqueira dos.; JESUS, Iáscara Oara de. (orgs.). **Michel Foucault e Costuras Contemporâneas**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021, p. 227-238.

